

OS 13 PASSOS DO INICIANTE

AULA 04

O SIGNIFICADO DA ESPIRITUALIDADE NO TRABALHO

A iniciática espiritual dos ciganos é semelhante a um enorme jardim. O "Trabalhador", quando chega ali, encontra uma infinidade de flores, de todos os formatos, de todas as cores e de todos os perfumes. Cada uma delas encerra uma verdade, um conhecimento, uma lição de vida. O "Estudador" quando se vê nesse maravilhoso jardim, não tem outra reação que não a de se deixar embriagar pelo perfume narcótico das flores do conhecimento. Já o "Transformador" sente a imperiosa necessidade de colher essas flores, cada uma a seu tempo. Cabe aqui, porém, um alerta: No caule de cada flor do conhecimento está também os espinhos, da Lei da Reciprocidade. Ao colher a flor, colhemos também os espinhos e com eles a obrigação de repartir o Conhecimento com outros. E aí daquele que se deixar espetar, porque o conhecimento que não é repartido é um veneno que corre nas veias do Iniciado.

Povo Cigano e suas diretrizes.

Nosso povo canta e dança tanto na alegria como na tristeza, pois para nós a vida é uma festa e a natureza que nos rodeia, a mais bela e generosa anfitriã. Onde quer que estejamos, os Ciganos são logo reconhecidos por suas roupas e ornamentos, e principalmente por seus hábitos ruidosos. Somos um povo mágico, enérgico e apaixonado.

Somos peculiares dentro do nosso próprio código de ética; honra e justiça e senso no sentido e sentimento de liberdade que contagiam e incomodam qualquer sistema. Mas nossa comunidade ama e respeita a natureza, os idosos e todos os membros do grupo educam as crianças de todos, dentro dos princípios e normas próprios de uma tradição puramente oral, cujos ensinamentos são passados de pai para filho ou de mestre para discípulo, através das histórias contadas e das músicas tocadas em torno das fogueiras acesas e das barracas coloridas sempre montadas ao ar livre (mesmo no fundo do quintal das ricas mansões dos ciganos mais abastados).

E dentro deste caminho a espiritualidade no trabalho vem crescendo de forma intensa nos últimos anos. Algo que antigamente era visto como assunto desligado do universo organizacional, como algo religioso ou até místico, hoje se insere como uma dimensão estratégica, na medida em que dá significado à missão da empresa e ao trabalho das pessoas. Quando elas têm esta consciência, a consequência é que fluem com muito maior facilidade os fatores mais buscados pelos executivos das organizações: a motivação, o desempenho, o espírito de

equipe, a comunicação eficaz, a qualidade, o foco no cliente, o estar de bem com a vida.

O foco da espiritualidade no trabalho é a busca de estados mais elevados de consciência e o alinhamento das ações das pessoas, das equipes e das organizações com seus propósitos e missões de vida. Temas que frequentam o nosso dia a dia, como a ecologia, gerenciamento de pessoas e equipes, educação, bem-estar físico e emocional adquirem uma dimensão mais elevada e ampliada quando se conectam ao tema da espiritualidade. As abordagens holísticas, ao integrarem os avanços tecnológicos com os conhecimentos das tradições milenares, religam as pessoas, ajudando-as a deixarem o estreito paradigma mecanicista, trazendo uma visão renovada e dando um sentido de plenitude e de unidade. Quando trabalhamos o tema da espiritualidade no trabalho, os benefícios que podem ser esperados são a melhoria da qualidade de vida individual e coletiva, o estímulo às situações de crescimento e desenvolvimento, o incentivo do sentido de parceria, criatividade, cooperação e trabalho em equipe.

A espiritualidade e as crises profissionais e pessoais

A espiritualidade se manifesta de formas aparentemente incomuns: por exemplo, nos momentos de crise, geralmente se manifesta um sentido mais elevado de espiritualidade, como se no momento da necessidade, o ser humano fosse buscar dentro de si as respostas, conectando-se com os conhecimentos adquiridos anteriormente e suas experiências de vida.

As crises nos religam com dimensões ao mesmo tempo mais elevadas e mais profundas em nossas vidas, dando a oportunidade de criarmos conexões que muitas vezes estavam faltando em nossa existência. As crises nos obrigam a repensar nossos modos de agir, nosso estilo de vida, nossa escala de prioridades e valores. As crises nos ensinam a nos liberarmos de muito peso inútil que levamos em nossas mochilas, na caminhada da vida.

Podemos dizer que estamos em crise no momento em que descobrimos que o que pensávamos antes já não funciona para o momento presente. As soluções que adotávamos, que antes resolviam determinadas situações, parecem não trazer mais os resultados esperados. Nossa tendência é continuar tentando, tentando, com os métodos conhecidos, mas ... não dá certo! As crises nos colocam, de tempos em tempos, diante de coisas que precisamos repensar, disciplinar, aprender e transformar. As crises nos convidam, geralmente de forma incisiva, a nos colocarmos novamente em movimento. Esta é uma das maneiras de despertar o lado espiritual. Outra, despertada ou não pelas crises, é a busca do autoconhecimento

Os ensinamentos da espiritualidade

A observação da Natureza, e em particular dos animais, nos conduz a um sentido novo de espiritualidade, conhecido de muitas tradições milenares. Precisamos aprender a não impedir o fluxo da vida. A cada nova situação que ela nos apresenta, saber usar a palavra correta, utilizar a atitude mais adequada. Sem pressa, sem stress desnecessários, canalizando nossa energia de uma forma criativa, com flexibilidade e entusiasmo. Intuir quando é a hora de calar, de aguardar que os outros estejam atentos ao que queiramos propor.

Quando observamos por exemplo uma águia, vem uma lição espiritual importante de elevarmos nossa visão, voarmos alto sobre nossos problemas e termos uma visão panorâmica da situação em que nos encontramos e assim acharmos saídas ou soluções. E assim cada animal nos traz ensinamentos, se soubermos ser observadores atentos; e com isto trazemos uma nova dimensão espiritual aos nossos desafios de trabalho.

Trazendo a espiritualidade ao nosso dia a dia.

Espiritualidade e autoconhecimento são irmão gêmeos, estimulando ações de transformação pessoal e, conseqüentemente, de seus ambientes. Na medida em que a organização desenvolve com maior clareza sua missão e visão, num processo que gerencialmente é denominado de planejamento estratégico, estamos revelando as intenções reais, que precisam ter uma dimensão de transcendência, de servir a uma causa maior. Quando as pessoas se conectam à dimensão espiritual de suas tarefas do cotidiano, novos significados surgem. Por exemplo, em qualquer relacionamento, quando olhamos a outra pessoa como um ser em processo de evolução, semelhante a nós, fica muito mais fácil o entendimento.

A brutal velocidade de transformação pela qual estamos passando em todos os aspectos de nossas vidas faz com que toda a segurança que tínhamos no material e no concreto se desvanece, como uma neblina aos primeiros raios do sol. As dimensões do intangível começam a se tornar mais presentes, e com isto os processos de transformação individual, empresarial, social e planetária começam a fazer sentido e tem seu lugar. Tudo está perfeito no ritmo em que está acontecendo! É oportuno lembrar da conhecida frase de Teilhard de Chardin não somos seres humanos tendo experiências espirituais; antes, somos seres espirituais tendo experiências humanas.

SACERDOTES EGÍPCIOS

Os sacerdotes trabalhavam nos templos administrando os rituais diários de vestir, alimentar e pôr para dormir as imagens esculpidas que representavam as deidades às quais os templos eram dedicados. O santuário mais recôndito do templo era considerado como o quarto do deus ou da deusa, onde suas necessidades domésticas eram satisfeitas. Nos templos mortuários, os sacerdotes administravam cerimônias semelhantes para nutrir o ka de um faraó falecido ou de um nobre.

Até o Império Novo (c. 1550 a 1070 a.C.) não havia hierarquia sacerdotal abrangendo todo o Egito e sim sacerdócios locais. Apesar disso, já no Império Antigo (c. 2575 a 2134 a.C.) os sacerdotes, assim como os nobres, tinham a supremacia entre todos os súditos do faraó. No Império Médio (c. 2040 a 1640 a.C.) esse poder declinou, mas recrudescer no Império Novo. A partir de então, com o crescimento da importância dos templos, houve uma progressiva ascensão da classe sacerdotal, sobretudo do clero da cidade de Tebas, pois o seu Deus — Amon — passara a dominar o panteão dos deuses egípcios. Outro fator que contribuiu para o aumento do poder sacerdotal foi o desenvolvimento da magia. Esse poderio perdurou até o Período Tardio (c. 712 a 332 a.C.).

O clero egípcio era muito numeroso e subdividia-se em múltiplas categorias. Havia uma classe superior, que ostentava o título de hem-netjer, palavra que literalmente significa servo do deus, que os especialistas traduzem por sacerdote. Havia os pais divinos, ordem não incluída entre os sacerdotes wab e os khery-heb, ou seja, os lentes, estes classificados junto com os wab.

Ao longo de toda a história egípcia o grosso do sacerdócio era formado por pessoas que passavam grande parte do ano envolvidas em outro tipo de ocupação, mas periodicamente consagravam-se ao serviço dos deuses. Foi criado um sistema de rodízio no qual os sacerdotes de cada templo eram divididos em quatro grupos. Os membros de cada grupo realizavam por um mês lunar, junto aos templos, deveres tanto religiosos quanto outros mais práticos e menos sagrados. Ao final desse período, o escalão que ia ceder seu lugar ao seguinte costumava proceder a um inventário dos bens do templo, logo conferido pelo escalão que entrava. Depois retornavam aos seus próprios ofícios por três meses. Portanto, trabalhavam para os templos por um total de três meses a cada ano. Muita gente do povo fazia parte desse contingente: camponeses que exploravam a terra sagrada, artesãos das oficinas, dançarinas, cantoras e tocadoras de música. Aliás, diga-se de passagem, a música e a dança sagrada faziam parte importante dos rituais e celebrações conduzidas por sacerdotes e sacerdotisas. Para a maior parte da população valia a pena executar esse serviço, porque os sacerdotes recebiam em mercadorias, proporcionalmente, parte dos rendimentos dos templos. Os egípcios acreditavam que as divindades consumiam a essência dos alimentos ofertados a elas, os quais eram depois entregues aos sacerdotes. Estes também estavam isentos de alguns impostos e frequentemente podiam ser liberados dos trabalhos compulsórios que atingia o restante da população, tais como abrir canais de irrigação. Todos aqueles que trabalhavam para os templos ocupavam posição privilegiada, mas eram obrigados a jurar que jamais revelariam os segredos ou mistérios que conheciam.

Os sacerdotes obtinham rendimento dos templos e muitas vezes detinham sinecuras em vários. As oferendas eram colocadas diante do Deus e, "depois de ele se ter satisfeito com elas", revertiam primeiro para santuários menores e em seguida para os sacerdotes, que consumiam os seus resíduos menos espirituais. Tais oferendas eram, entretanto, apenas uma parte do rendimento dos templos. Outros produtos ofertados eram destinados diretamente ao pagamento do pessoal e para serem trocados por algumas utilidades de que o templo não dispunha.

A hierarquia do clero masculino tinha como seu representante o sumo sacerdote, o qual recebia vários títulos como, por exemplo, o de primeiro profeta ou de o maior dos videntes. Cada templo possuía o seu e ele era designado pelo faraó e representava o rei nas cerimônias religiosas cotidianas. Em tese o faraó deveria ser o único celebrante das cerimônias religiosas diárias que se desenrolavam nos diversos templos espalhados por todo o Egito. Sendo isto impossível, na prática o sumo sacerdote exercia o papel religioso do faraó. Para alcançar essa posição tornava-se necessário uma longa educação nas artes e nas ciências. Leitura, escrita, engenharia, aritmética, geometria, astronomia, medição de espaços, cálculo do tempo pela ascensão e ocaso das estrelas faziam parte de tal aprendizado. Os sacerdotes de Heliópolis, por exemplo, tornaram-se guardiães dos conhecimentos sagrados e ganharam reputação de sábios, a qual perdurou até o final do Período Tardio.

Logo abaixo do sumo sacerdote vinha o segundo profeta, encarregado da organização econômica do templo. Cabia-lhe o controle dos recursos próprios e das doações, certificando-se de que a quantidade necessária de oferendas estivesse disponível a cada dia. Um grande número de administradores trabalhava para ele. A maioria dos sacerdotes se ocupava em garantir a manutenção e a segurança do templo. Eles administravam as oficinas, despensas, bibliotecas e outros prédios correlatos. Também atuavam como porteiros e zeladores. Mas também havia os que exerciam atividades mais especificamente religiosas. Era o caso, por exemplo, dos sacerdotes leitores, cuja função era a de recitar as palavras do Deus. Cantavam encantamentos enquanto importantes rituais eram executados. Durante a mumificação de um corpo, por exemplo, recitavam textos do Livro dos Mortos. Por sua vez, os sacerdotes sem tinham importante papel nos funerais, pois realizavam os ritos finais de purificação do corpo e a abertura da boca, cerimônia executada na múmia para reviver seus sentidos, o que permitiria que o falecido pudesse renascer no além-túmulo. Essa última função sacerdotal surgiu no Império Novo a partir das obrigações exercidas pelo filho primogênito no funeral de seu pai.

Finalmente podemos dar exemplos de pessoas com conhecimentos específicos que trabalhavam como sacerdotes. Os sacerdotes das horas, provavelmente astrônomos, eram responsáveis pela compilação dos calendários dos festivais, ocasiões nas quais a estátua de culto da divindade era carregada pela região e os oráculos divinos eram proferidos. Sacerdotes professores trabalhavam na Casa da Vida (Per Ankh) ensinando a elite dos meninos locais a lerem e escreverem e copiando manuscritos para a biblioteca do templo ou fazendo os registros administrativos. Muitos deles devem ter atuado como escribas da comunidade local, sendo chamados para redigir documentos tais como testamentos e contratos de divórcio. Acreditava-se que alguns sacerdotes podiam

interpretar os sonhos, fornecendo, assim, uma orientação ou profecia. Outros eram músicos dos templos.

Quanto maior o prestígio e a riqueza do Deus cujo santuário dirigiam, maior a importância política do seu sumo sacerdote. O mais prestigiado de todos — sobretudo a partir do Império Novo — era o sumo sacerdote de Amon de Karnak e alguns dentre eles chegaram à categoria de diretor dos profetas do Alto e do Baixo Egito, o que correspondia a chefe supremo do clero nacional. Abaixo do sumo sacerdote, sob seu controle e às vezes escolhidos fora da hierarquia regular, havia uma série escalonada dos assim chamados lentes, puros, pais divinos e profetas, que podiam passar de um grau para outro. Tal ascensão dependia de vários fatores, entre os quais se incluía a habilidade de cortesão e os parentes de prestígio. A verdade é que em Karnak havia uma enorme equipe de sacerdotes com poder bastante grande. Os sacerdotes de menor categoria executavam vários deveres, tais como estudar e escrever textos em hieróglifos, ensinar os recrutas recém-chegados e executar muitos dos deveres rotineiros inerentes ao templo. Duas doutrinas opostas se alternaram ao longo dos séculos concentrando maior ou menor poderio na mão dos sacerdotes. Uma delas defendia o direito do filho de assumir a função sacerdotal do pai. A outra entendia que o faraó tinha o direito de nomear livremente a pessoa que julgasse mais adequada para o cargo.

Heródoto — o pai da História — afirmava que os egípcios eram muito mais religiosos do que o resto dos homens e em sua obra informava que os sacerdotes raspam todo o corpo de três em três dias, para evitar que os piolhos ou outros parasitas os molestem enquanto estão servindo os deuses. Não usam mais do que um traje de linho e sapatos de papiro, pois não lhes é permitido usar outra roupa nem outro calçado. Lavam-se duas vezes por dia em água fria e outras tantas vezes à noite; numa palavra: observam regularmente mil e tantas práticas religiosas. Gozam, em recompensa, de grandes vantagens. Não despendem nem consomem nada dos próprios bens. Cada um deles recebe sua porção de carne sagrada, que lhes é dada já cozida; e lhes distribuem mesmo, todos os dias, grande quantidade de carne de vaca e de ganso. Recebem também vinho de uva, mas não lhes é permitido comer peixe. Os egípcios nunca semeiam favas nas suas terras, e se tal alimento lhes vem às mãos, não o comem, nem cru nem cozido. Os sacerdotes não podem nem mesmo vê-lo, por considerá-lo um legume impuro. Cada Deus tem vários sacerdotes e um sumo sacerdote. Quando este morre, é substituído pelo filho.

No que diz respeito à vestimenta dos sacerdotes, não se distinguiam das pessoas comuns. Entretanto, alguns sacerdotes usavam roupas diferentes como indicativo do seu ofício. Os sacerdotes sem, que realizavam a purificação final e os ritos de revivificação nos funerais, usavam mantos feitos com pele de leopardo. Parece que os sacerdotes em geral eram obrigados a lavar a boca com uma solução de natrão, um composto natural de carbonato de sódio e bicarbonato que existe na forma de cristais nas margens de determinados lagos. Precisavam, ainda, passar óleo em todo o corpo. Um documento jurídico, pertencente no Museu de Turim, narra que um sacerdote was do Deus Khnum foi levado às barras do tribunal: ele havia jurado só entrar no templo em Elefantina depois de passar dez dias bebendo natrão, mas penetrou no templo apenas sete dias depois e foi considerado ritualmente impuro.

SACERDOTES DRUIDAS E DRUIDISAS

Druidas eram pessoas encarregadas das tarefas de aconselhamento e ensino, e de orientações jurídicas e filosóficas dentro da sociedade celta. Embora não haja consenso entre os estudiosos sobre a origem etimológica da palavra, *druida* parece provir do vocábulo *dru-wid-s*, formado pela junção de *deru* (carvalho) e *wid* (raiz indo-europeia que significa *saber*). Assim, druida significaria *aquele(a) que tem o conhecimento do carvalho*. O carvalho, nesta acepção, por ser uma das mais antigas e destacadas árvores de uma floresta, representa simbolicamente todas as demais. Ou seja, quem tem o conhecimento do carvalho possui o saber de todas as árvores. Os druidas como sacerdotes, que os apresentam na qualidade de filósofos (embora presidissem rituais, o que pode soar conflitante). Se levarmos em conta que o druidismo era uma filosofia natural, da terra baseada no animismo, e não uma religião revelada (como o Islamismo ou o Cristianismo), os druidas assumem então o papel de diretores espirituais do ritual, conduzindo a realização dos ritos, e não de mediadores entre os deuses e o homem.



Dois druidas num baixo-relevo encontrado em Autun.

Ao contrário da ideia corrente no mundo pós-Iluminismo sobre a linearidade da vida (nascemos, envelhecemos e morremos), no druidismo como entre outras culturas da Antiguidade, a vida é um círculo ou uma espiral. O druidismo procurava buscar o equilíbrio, ligando a vida pessoal à fonte espiritual presente na Natureza, e dessa forma reconhecia oito períodos ao longo do ano sendo quatro solares (masculinos) e quatro lunares (femininos), marcados pelos rituais especiais.

A sabedoria druídica era composta de um vasto número de versos aprendidos de cor e conta-se que eram necessários cerca de 20 anos para que se completasse o ciclo de estudos dos aspirantes a druidas. Pode ter havido um

centro de ensino druídico na ilha de Anglesey (**Ynis Mon**, em galês), mas nada se sabe sobre o que era ensinado ali. De sua literatura oral (cânticos filosóficos, fórmulas mágicas e encantamentos) nada restou, sequer em tradução.

As tradições que ainda existem do que seriam seus rituais, foram conservadas no meio rural e incluem a observância do Halloween (Samhaim), rituais de colheita, plantas e animais, baseados nos ciclos solar, lunar e outros. Tradições que seriam partilhadas pela cultura de povos vizinhos.

Segundo León Denis o estabelecimento de uma data específica para a comemoração dos mortos é uma iniciativa dos druidas, que acreditavam na continuação da existência depois da morte. Reuniam-se nos lares, e não nos cemitérios, no primeiro dia de novembro, para homenagear e evocar os mortos.

São 6 os tipos mais comuns de druidas:

Os Druida-Brithem - Estes eram os juízes. Os celtas nunca chegaram a ter suas leis escritas, apenas os brithem a conheciam, assim a função deles era percorrer as casas e as cidades e resolver impasses que surgissem.

Os Druida-Liang - Eram os médicos e curandeiros. Em geral passavam mais de 20 anos em seus estudos antes de praticarem a cura, tinham especializações entre si, entre eles estavam as ervas, as cirurgias (como a de transplante de coração) entre outras.

Os Druida-Scelaige - Eram os narradores, eles tinham como função apenas repetir a grande história dos celtas que lhe haviam sido contadas por outros scelaige. (A escrita era proibida a não ser para rituais de religião). Apenas repetiam para que a história não fosse esquecida. Também juntavam à sua história as novas trazidas pelos sencha.

Os Druida-sencha - Já que os scelaige ficavam trancados apenas repetindo, estes deveriam percorrer as terras celtas e compor novas histórias sobre o que estava acontecendo, estas seriam repassadas aos scelaige que as decoraria.

Os Druidas-Filid- Eram a mais alta classe dos druidas, a sua função eram o contato direto com os deuses (Alguns deles eram descendentes diretos dos Deuses). O mago merlin é um druida **filid**.

Os Druidas-Poetas- Uma vez que os druidas Scelaige decoravam a história, era preciso que alguém as aprendesse e contasse ao povo, essa era a função dos poetas, que mantinham a tradição celta viva.